

ÉTICA E CRISTIANISMO: A BUSCA DE UM CONSENSO PARA O SÉCULO XXI NA CONCEPÇÃO DE LEONARDO BOFF

*Claudemiro Godoy do Nascimento**

Resumo

Este artigo se propõe a refletir acerca da ética e da religião, principalmente, o cristianismo neste início do século XXI à luz do teólogo Leonardo Boff. Sabemos que a humanidade vive momentos de crise de paradigmas, o que torna determinante a existência de um caminho sem rumos, escuro, onde homens e mulheres caminham numa estrada única sem alternativas possíveis para que se restabeleça a esperança em axiomas que respeitem a diversidade entre os povos. As religiões, entre elas, o cristianismo, se tornam reflexo do modelo único e também não apresentam respostas aos anseios da humanidade que vive, sem sombra de dúvidas, momentos de incertezas em relação ao futuro do próprio homem, das sociedades e do planeta.

* Claudemiro Godoy do Nascimento é filósofo, mestre em Educação pela UNICAMP, especialista em Ciências da Religião/UCG. É, também, membro do GEMDEC/UNICAMP e da Rede de Movimentos Sociais na América Latina (REDEMS); leciona na Faculdade Dehoniana em Taubaté — SP. Email: claugnas@yahoo.com.br

Palavras-Chave

Ética, ethos, religião, cristianismo, moral, culturas, ecossistema.

Abstract

This paper proposes the contemplation of ethics and religion, mainly that of christianism in the beginning of the 21st century in the eyes of Theologist Leonardo Boff. We all know that humanity has been going through moments of a paradigm crisis, which determine the existence of a dark road to nowhere, where men and women walk on a one-way road without possible alternatives to regain the belief in axioms that respect diversity amidst peoples. Religions, including christianism, become a reflection of the unique model available and do not present answers to the aspirations of humanity that is, without doubt, going through uncertain moments with relation to the future of humans themselves, society and the planet.

Key words

Ethics, ethos, religion, christianism, moral, cultures, ecosystem.

Considerações Iniciais

A humanidade com suas diversas culturas vive uma profunda crise ética. Qual ética deve ser implantada a fim de superar a miséria, a fome, o desemprego em massa, a falta de moradia, de água potável¹, de educação e saúde e, principalmente, de inclusão social dos milhões que não possuem o poder de compra, logo, não participam da lógica do mercado se tornando seres humanos *descartáveis*?

Afirma-se que se vive hoje em tempos de extinção em massa devido ao crescente índice de depredação de todos os ecossistemas (humanidade, natureza, ecologia, a economia, o planeta). Alguns afirmam com veemência que a data limite seja 2030 para que a humanidade escolha entre cuidar ou desaparecer. O desaparecimento do homem e da biosfera significa que o homem assumiu determinados sonhos de poder-dominância, incentivados pelas revoluções históricas, assim como pelo cristia-

1. Conferir CNBB (2004) — Campanha da Fraternidade sobre a Água vista como fonte de vida.

nismo oficial², o que determinou a quebra das relações do ser humano com o outro, com Deus e consigo mesmo.

Este sonho de prosperidade ilimitada ocupa o imaginário coletivo da humanidade e formata a agenda central de qualquer governo. Ai da política econômica e tecnocientífica que não apresentar anualmente índices positivos de crescimento. Mas este sonho está se transformando num pesadelo, pois está levando os países, a humanidade e a Terra a um impasse fatal: os recursos são limitados, os ganhos não podem ser generalizados para todos, porque então deveríamos dispor de outras três Terras com os recursos da nossa, e a capacidade de suporte e regeneração do Planeta se encontram em estado crítico. Temos que mudar de rumo ou não enfrentaremos o imponderável (Boff, 2003, p.15).

Como fundar um consenso ético minimamente sustentável diante das mudanças ocorridas nos últimos 50 anos na humanidade³? Sabe-se que a lógica que impera se baseia no discurso econômico para afirmar o mercado que está regido pela competição, o que vem desafiar a todos na busca por um consenso ético para o século XXI. Portanto, as reflexões que se seguem são impressões pessoais de acordo com o pensamento do teólogo Leonardo Boff que, na última década, vem refletindo acerca da ética planetária em busca de um consenso minimamente sustentável para a humanidade.

1. As conseqüências da liberdade de dominação do homem: a construção de sistemas

Desde os primórdios do processo de hominização, o ser humano se viu na condição de exercer o paradigma da *conquista* a fim de garantir sua existência e sua subsistência. Este paradigma conquista está em crise, pois, se continuar, a humanidade estará condenada ao desaparecimento e a Terra a destruição total.

Conquistar a Terra inteira, os oceanos, as montanhas mais inacessíveis e os recantos mais inóspitos. Conquistar povos e dilatar a fé

2. Acredito que podemos distinguir muitas dimensões do cristianismo. Uma delas é o chamado cristianismo oficial que aqui se refere à hierarquia das Igrejas cristãs que ora se contrapõem ao cristianismo popular.

3. Conferir Hobsbawn (1995).

e o império, eis o sonho dos colonizadores. Conquistar os espaços extraterrestres e chegar às estrelas, eis a utopia dos modernos. Conquistar o segredo da vida e manipular os genes. Conquistar os mercados e altas taxas de crescimento, conquistar mais e mais clientes e consumidores. Conquistar o poder de Estado e outros poderes como o religioso, o profético e o político. Conquistar e controlar os anjos e demônios que nos habitam. Conquistar o coração da pessoa amada, conquistar as bênçãos de Deus e conquistar a salvação eterna (Boff, 2003, p.19-20).

Houve de certa forma a quebra de relações entre duas forças fundamentais que deve existir entre o ser humano com tudo aquilo que existe. A sinergia entre a *força de auto-afirmação* e a *força de integração*⁴, quando rompida, há um desequilíbrio fatal. Se houver uma tendência para a auto-afirmação cair-se-á no individualismo, no egocentrismo, no isolamento social e no defensionismo imposto pela competitividade do capitalismo. Se houver uma tendência em se integrar sem se auto-afirmar perde-se a identidade e cair-se-á no coletivismo, na perda da individualidade e na assimilação incondicional de ideologias totalizantes.

Em determinados momentos da história realizou-se a ruptura entre essas forças que deveriam estar coesas. Usou-se a força para se sobrepor aos outros e à natureza. Quando utilizada a força, a dominação e o poder se colocam sobre e contra tudo e jamais caminham juntas, o que evidencia o fenômeno da ruptura. Esta ruptura com a Casa Comum, com o outro, que é semelhante e diferente, tornou-se o pecado original da humanidade, o que determina em nossos tempos se assistir às conseqüências drásticas dessa ruptura, que cria um princípio avassalador de autodestruição da espécie *homo sapiens* e de seu habitat comum, o Planeta Terra.

Até hoje estávamos orientados pelo sonho de grandes revoluções redentoras, a revolução científico-técnica, a revolução burguesa, a revolução socialista e a revolução cibernética. Todas estas revoluções exigiram uma altíssima taxa de iniquidade humana e ecológica. Milhões de pessoas, inumeráveis valores e bens culturais foram sacrificados e perdidos de forma irrecuperável. Hoje — a

4. Segundo Boff (2003, p.16) *pela força de auto-afirmação cada um consegue se fazer valer e garantir sua sobrevivência e sua possibilidade de continuar a co-evoluir. Pela força da integração se reforçam as relações inclusivas, se garante a cooperação de todos com todos e assim se assegura o melhor futuro.*

grande maioria dos homens — perdemos a esperança nas revoluções universais para todas as sociedades. (Boff, 1998, p.74).

De uns tempos para cá se percebe um processo acelerado de *mutação tecnológica*⁵ nas sociedades de consumo. Isto significa uma ampliação no volume das informações que hoje são estocadas e armazenadas em *chips* ou em memórias dos computadores. Nossos tempos introduziram no cotidiano das pessoas um novo código, a informatização ou a robótica. Portanto, vive-se hoje numa era da digitalização, da sociedade informacional. Segundo Boff (1998, p.12-13) os efeitos dessa mutação acelerada⁶ se refletem na vida cotidiana com a *dispensação continuada e irrecuperável da força de trabalho e exclusão crescente da participação humana no processo de produção (...) destruindo empregos em setores importantes da indústria, da agricultura e dos serviços*. Portanto, a exclusão do mundo do trabalho gera a exclusão social e suas drásticas conseqüências. Atualmente, no Brasil, 18% da população ativa se encontram desempregadas. Esta nova lógica é um desenvolvimento do modelo capitalista que prevê *o primado do quantitativo sobre o qualitativo, o privilégio do capital e dos meios novos de produção sobre a pessoa humana trabalhadora; a predominância do material sobre o humanístico, sobre o ético e sobre o espiritual* (Boff, 1998, p.15).

Quem não se firma na concorrência sucumbe e desaparece engolido pela outra empresa mais forte. O operário, temendo o desemprego, prefere aceitar, a contragosto, a luta em favor de sua empresa, embora esta o explore, pois ela lhe garante pelo menos o emprego e a atividade e assim um lugar ao sol na sociedade e uma presença positiva na família (Boff, 1998, p.17).

São tempos em que a imagem ganha espaço por meio da mídia que oferece entretenimento aos espectadores com as notícias, as guerras em tempo real (Estados Unidos bombardeando o Afeganistão e o Iraque), as novelas, os jogos de futebol e olímpicos, os shows-business, o carnaval de

5. O processo de mutação na sociedade se inicia com a aceleração das fases históricas, a saber: a fase neolítica com a Revolução Agrária, a fase moderna com a Revolução Industrial (1750-1850), seguido da Revolução Nuclear e hoje se vive a fase da Revolução da Informação.

6. A realidade demonstra que se passou de uma sociedade do pleno emprego para uma sociedade de plena atividade. O art. 23 da Declaração dos Direitos Humanos declara que *toda pessoa tem o direito ao trabalho, à livre escolha de seu trabalho e as condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego*. Conferir Coutrot (2001), Antunes (2001), Paiva (2001), Assmann (2001) e Frigotto (1998).

época e fora época, os reaites-shows (Casa dos Artistas, Big Brother, Sem Saída e outros) etc.. Como consequência desta *Sociedade em Rede*, como afirma Castells (1999), temos:

A sociedade-espetáculo que acelera o desenraizamento dos camponeses e das populações rururbanas. Aqueles abandonam o interior e migram para a cidade, pois nela se encontra o centro do espetáculo, do sonho e do imaginário (Boff, 1998, p.24)⁷.

A revolução das imagens criou um fenômeno perigoso e que desafia eticamente o século XXI, a saber: a clonagem. A clonagem e a decifração do DNA humano podem significar avanços na ciência, principalmente, na medicina, mas, até que ponto o homem tem o direito de penetrar num universo onde está oculto o mistério da vida? Até que ponto a clonagem não significa *brincar de Deus*, fabricando seres humanos em laboratórios que estarão sendo utilizados para uso de cobaias em experiências científicas ou em trabalhos não-remunerados, substituindo a mão-de-obra dos trabalhadores remunerados por trabalhadores clonados não-remunerados, pois estes não possuirão sentimentos de família e de sociedade?

Outra revolução é a imagem virtual em aparelhos de TV, nas teleconferências e na universalização da rede mundial de computadores ou a Internet, que possibilitou avanços profundos na comunicação entre as pessoas do mundo inteiro. A realidade virtual é chamada de era *cyberespacial*.

O mundo assiste ao *processo de mundialização* que possui raízes históricas. Desde a descoberta que a Terra era redonda iniciou-se um processo voraz de ocidentalização.

Da Europa começou a aventura colonialista e imperialista de conquista e dominação de todas as terras, postas a serviço dos interesses europeus, corporificados na vontade de poder, de enriquecimento, de imposição da cultura branca ocidental, de implantação forçada do cristianismo e da afirmação desenfreada do indivíduo (...) sob todas as formas de violência, de genocídio, de etnocídio e de ecocídio (Boff, 1998, p.30).

O processo acelerado do fenômeno da mundialização se dá pela *afirmação da economia* e do mercado total que significa interdependência das economias que se integram num mercado global, ou seja, há uma continentalização das economias em blocos. Os países pobres con-

7. Grifo nosso.

tinuam dependentes das economias dos países ricos. A economia se torna o centro das relações que permeia o universo das representações sociais. Suas características são: supervalorização do capital especulativo, não importando sua origem, altas taxas de juros para atrair capital estrangeiro, o avanço das empresas internacionais e substituição do Estado pelo mercado (Estado Mínimo e a perda da soberania nacional).

A mundialização também se encontra *nos ideais, na espiritualidade e nas guerras*. O cristianismo desempenhou uma função importante para se chegar ao processo de mundialização que se tem hoje, pois utilizou a evangelização sem se preocupar com a inculturação. Os ideais iluministas penetraram nas sociedades baseadas na razão como princípio da verdade. Tais ideais penetraram em quase todos os países do mundo que são chamados a aderir por bem ou pela força a tais projetos. Neste sentido, a Revolução Francesa em 1789 é um marco histórico que determina os direitos de cidadania — igualdade, fraternidade e liberdade. Também existe uma fome e sede pela espiritualidade⁸ (busca do sentido da vida). A espiritualidade⁹ apresenta-se sob três ângulos históricos: a fase escolástica, a fase racionalista e a fase holística,¹⁰ que ainda está em irrupção. O reverso da história também faz parte do drama humano a partir de quatro grandes conflitos mundiais nos últimos tempos, a saber: A primeira Guerra Mundial (1914-1918) que criou a Liga das Nações, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que teve como consequência milhões de mortes e o surgimento da ONU como organismo supranacional de todos os países da Terra, a Guerra do Golfo (1991) e, recentemente, os episódios do 11 de Setembro de 2001 que culminou nas Guerras do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003-2004). Diante desses fatos, dois perigos são emergentes: a realidade nuclear e o alerta ecológico.

O alerta ecológico foi lançado em 1972 pelo Clube de Roma, no qual, na essência, se confessava: o tipo de desenvolvimento técnico-industrial tanto nos países da área capitalista quanto do campo socialista implica uma sistemática agressão à natureza, um paulatino esgotamento dos recursos não-renováveis e uma degradação

8. Segundo Boff (1998, p.36) a espiritualidade *significa a capacidade que o ser humano, homem e mulher, tem de dialogar com o seu profundo e entrar em harmonia com os apelos que vêm de sua interioridade*.

9. Conferir Unger (1991).

10. A respeito da fase holística pode-se ver os trabalhos de Crema (1988), Mourão (1992) e Souza (1993).

crescente da qualidade de vida para os seres humanos e para os demais seres vivos (...) a máscara do biocídio (morte da vida), do ecocídio (morte dos ecossistemas) e do geocídio (morte da Terra) (Boff, 1998, p.38-9).

Outro elemento da mundialização acontece por meio da *política*. O liberalismo incentivou com que todos os povos se formassem em estados-nações, implantando a democracia¹¹ como valor universal, o que se tornou fundamental para a ampliação da consciência dos direitos humanos individuais, sociais, das minorias e dos povos.

Portanto, a humanidade se depara em nossos tempos com éticas e morais existentes nas diversas culturas do mundo, o que não impede que exista uma ética e uma moral que se torne hegemônica a cada dia que se passa. Hoje, o que predomina é a ética e moral capitalista.

A ética capitalista diz: bom é o que permite acumular mais com menos investimento e em menos tempo possível. A moral capitalista concreta reza: empregar menos gente possível, pagar menos salários e impostos e explorar melhor a natureza para acumular mais meios de vida e riqueza (Boff, 2003, p.41).

A ética segue o mesmo destino da razão que se tornou instrumental analítica e dessacralizadora. Criou uma civilização baseada na tecnociência hoje globalizada. Esqueceu-se do *ser* enquanto o todo e privilegiou o *ente* enquanto parte (s) do todo¹². Formou-se com o racionalismo instrumental uma realidade fragmentada com saberes e éticas compartimentalizadas, o que determinou a formação de uma sociedade dualista que separa os opostos como se não fossem complemento um do outro. O saber foi colocado a serviço do poder estabelecido, que é usado constantemente como forma de dominação pessoal ou social. Prevalece a razão crítica em substituição ao *ethos* que procura. Com isso, perdeu-se o horizonte da transcendência, da espiritualidade ao qual a ética está intrinsecamente ligada. A ética sem espiritualidade faz com que se forme uma sociedade moralista e legalista. Dessa forma, vive-se hoje em tempos onde a ética perdeu *pathos*, ou seja, a capacidade de sentir o outro.

11. O surgimento da democracia não significa que todas sejam idênticas. Pelo menos existem três tipos de democracia: a democracia liberal, a democracia representativa e a democracia popular, participativa ou social.

12. Para que se possa compreender mais a respeito do Ser e do Ente ver Santo Tomás de Aquino (1996, p.25-53)

A Terra se encontra em seu limite, em fase de esgotamento diante da voracidade do crescimento populacional, bem como, dos altos índices de consumismo. É urgente a necessidade de uma *revolução molecular* que venha dar força ao *ethos* que procura, pois este sozinho...

(...) *se desmoralizou porque não conseguiu evitar o genocídio dos povos indígenas latino-americanos, o holocausto nazifascista, os gulags soviéticos, as armas de destruição em massa — hoje biológicas*¹³ —, *as guerras de prevenção recentes e a devastação do modo de produção capitalista com a geração crescente da miséria e da exclusão* (Boff, 2003, p.51).

Neste sentido, a humanidade não sobreviverá a não ser se fundar um *ethos* que se responsabilize pela vida, o que se torna condição necessária para o futuro do planeta e do próprio homem. A realidade que nos cerca está estremecida pela complexidade que se formou, o que gerou muitos problemas e a responsabilidade é exatamente a capacidade de dar respostas eficazes a estes problemas que se apresentam. Importa ter precaução e cautela como pressupostos básicos de um comportamento ético co-responsável.

Deve-se compreender a crise radical que se vive hoje numa perspectiva ética e política a partir dos milhões de crucificados do Sul produzidos pelo sistema capitalista do Norte.

<p><u>Relatório da UNDP</u> (<u>United Nations</u> <u>Development</u> <u>Programm</u>) — <u>Ano: 1990</u>¹⁴</p>	<p><u>Situação da</u> <u>humanidade</u> <u>nos países</u> <u>do Sul</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • 1 bilhão de pessoas vivem em absoluta pobreza; • 900 milhões de adultos são analfabetos; • 2 bilhões de pessoas não têm água potável; • 100 milhões estão sem teto; • 800 milhões vivem na fome; • 150 milhões de crianças, com menos de 5 anos, são desnutridas; • 14 milhões de crianças morrem anualmente antes de completar cinco dias de nascimento.
--	---	---

Fonte: UNDP, 1990 (In: Boff, 1998, p.61-2).

13. Grifo nosso. Neste sentido, vale ressaltar o perigo da *biotecnologia* que pretende operacionalizar ou mapear os códigos genéticos de seres humanos, animais e vegetais. Recentemente, foi aprovado no Senado brasileiro a Lei de Bio-segurança que permite a plantação, a colheita e a comercialização de produtos transgênicos, bem como a permissão de pesquisas com células-tronco a partir embriões congelados. Até que ponto estar-se-á construindo uma realidade eticamente sustentável com a implantação de experiências na agricultura com sementes geneticamente modificadas?

14. Estes dados são do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) de 15 anos atrás. Em 2005, recentemente, saiu um novo relatório acerca da situação

Vive-se num mundo com pouca solidariedade. Mais de 1,4 bilhão de pessoas sobrevivem com menos de 1 dólar por dia, enquanto uma minoria abastada vive os mais altos graus de luxo, requinte e desperdício numa sociedade onde a lei e a religião se chama consumo e mercado.

Além desses fatores acima, a realidade dos países do Sul é de crise financeira. A dívida externa acumulada nos últimos trinta anos gira em torno de 3 trilhões de dólares e o pior que estes países são dependentes das agências financiadoras e devem cumprir as metas, os prazos, pagamento dos juros, enfim, a cartilha estabelecida por organismos como o FMI e o Banco Mundial. A isso se dá o nome de *ajustes estruturais*, uma forma de se adequar ao mercado baseado nos princípios da competitividade com sua lógica excludente. O Brasil já possui uma dívida que gira em torno de 1,2 trilhão de dólares, o que significa que se deve comprometer a pagar os juros da dívida já que o montante em si ultrapassa a renda Per Capita. O atual governo Lula assumiu, de certa forma, a esta tendência que privilegia o cumprimento das agendas internacionais do que a implantação de políticas públicas em setores sociais.

Agora impera um tipo de economia que visa apenas pagar a dívida externa. Esta absorve de 35% a 50% dos ingressos de cada país. Somos mais pobres que antes. E perdemos a esperança. Não temos mais esperança de encontrar uma solução de nossos tradicionais problemas dentro do atual sistema mundial. Agora somos excluídos. E os excluídos são confrontados não com o sistema (dele são excluídos) mas com a miséria, a marginalização e a morte. Em muitas partes graça uma cultura de resignação e de desesperança (Boff, 1998, p.64-5).

Portanto, o século XX é profundamente marcado por dois paradigmas antagonicos: o socialismo e o capitalismo¹⁵.

O capitalismo criou uma cultura do eu sem o nós. O socialismo criou uma cultura do nós sem o eu. Agora precisamos da síntese

da humanidade nos países do Terceiro Mundo. Os dados são alarmantes e praticante duplica todos os itens acima citados. Neste sentido, deveríamos pensar e refletir acerca dos porquês? Por que tanta miséria, fome, guerras, genocídios, trabalhos escravos, prostituição infantil, mortes? Porque realmente o mundo não aprendeu a lição máxima do amor do Reino, a partilha e a comunhão entre as diferenças.

15. Segundo Boff (1998, p.67) *o capitalismo privatizou os bens e socializou os sonhos. O socialismo socializou os bens e privatizou os sonhos.*

que permita a convivência do eu com o nós. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa (Boff, 1998, p.71).

A partir da década de 90 do século passado vive-se um único paradigma: o *neoliberalismo*¹⁶, o sistema único. O socialismo caiu com a privatização dos sonhos. O capitalismo continua realizando sonhos que só ficam no imaginário coletivo. Portanto, diante da realidade neoliberal três desvios se implantaram nessa nova sociedade em formação, a saber: o reducionismo na concepção do ser humano, o recalque do feminino¹⁷ e o desrespeito à alteridade e à natureza.

O ser humano se tornou um ser de necessidades e se esqueceu de que ele é antes de tudo um ser de relações, de solidariedade, de comunhão, de amor que ama e se entrega, de sonhos, de liberdade e de amizade.

No que diz respeito ao recalque do feminino, este se assenta sobre bases sólidas de poder e da dominação que interfere completamente nas relações do ser humano para com o outro e com a natureza. Significou também um aumento nos índices de machismo social, político, econômico, cultural/religioso e científico. Afirma Leonardo Boff (1998, p.69):

Feminino não se identifica com a mulher. Feminino/Masculino é uma determinação de cada pessoa humana, homem e mulher. Feminino é a dimensão de interioridade, de cuidado, de respeito à vida e ao mistério do mundo, que todos devemos desenvolver. As mulheres realizam a seu modo esta dimensão. Mas os homens também a podem realizar, à sua maneira.

Desrespeitar a pessoa do outro e a natureza são praxes que se afirmam como normais na sociedade atual. As diferenças de gênero, de raças e etnias, de culturas, de opiniões e de religiões não são respeitadas, aliás, o

16. Juntamente com a mundialização proclama-se o neoliberalismo. O neoliberalismo é a fase atual da acumulação capitalista sendo que sua base produtiva passa da esfera nacional para a mundial. Suas características principais são: privatização e exaltação do indivíduo; o que significa a redução do papel do Estado (Estado Mínimo) e o não-investimento em políticas sociais nos setores da educação, saúde e na previdência social. E uma das principais tendências do sistema globalizado é efetuar uma cultura da homogeneização.

17. Segundo Boff (2003, p.18) *o feminino nos ensina a cuidar de tudo com entranhável zelo. O cuidado constitui a essência da anima e aquela precondição necessária para que a vida continue vida. Do feminino e do cuidado surge um novo paradigma ético que coloca a vida no centro, vida compartilhada com outros, vida aberta para cima e para frente, para as virtualidades que se escondem dentro dela e que querem vir à luz e fazer história.*

que há é uma grande intransigência. Historicamente os povos europeus utilizaram a força contra os outros a fim de realizar a dominação e de torná-los iguais. No tocante à natureza, o que se evidencia é uma trágica depredação dos ecossistemas.

A Terra e a natureza são reduzidas a um conjunto de recursos, disponíveis à ganância do ser humano que se entende como seu senhor: O nível de degradação da qualidade da vida é tão visível que são dispensadas quaisquer outras considerações (Boff, 1998, p.70).

2. O Ethos em sua função integradora

A Ética autônoma ou fundamental racional da Ética e da Moral há muito tempo representa um esforço do pensamento humano a fim de buscar códigos universalmente válidos. Assim, de Sócrates na Grécia a Manfredo de Oliveira no Brasil muitos mestres percorreram o caminho da reflexão em torno da ética e moral, ou melhor, na busca para construir uma morada humana sustentável e feliz. No entanto, deve-se hoje estar constantemente vigilante e na busca incansável por fundamentos éticos que venham unir o que está desunido (religião e razão). Esta é a Ética heterônoma, ou seja, o *ethos* que procura sempre.

A ética não provém da razão, mas do fundo da existência humana. O fundo da existência humana não é a razão, mas a afetividade, logo, é a dimensão afetiva que determina a ética que se tem numa determinada sociedade e na própria humanidade. Portanto, a raiz não é movida pelo *logos*, mas pelo *pathos*, o que significa sentir intensamente o profundo e comungar com tudo o que nos cerca. Os valores nascem e se movem a partir da paixão. Costumeiramente a sociedade chama o *pathos* de *Eros*, ou seja, de amor. O mundo foi criado pelo amor e pela paixão. No entanto, deve haver um equilíbrio entre a dimensão do afeto com a razão para que a humanidade possa viver a plenitude da vida a fim de não cair em situações de morte que ocorrem quando os elos entre duas forças se separam. Afirma Boff (2003, p.31):

A paixão é um caudal fantástico de energia que, como águas de um rio, precisa de margens, de limites e da justa medida (...) Se a razão reprimir a paixão, triunfa a rigidez, a tirania da ordem e a ética utilitarista. Se a paixão dispensar a razão, vigora o delírio das pulsões e a ética hedonista, do puro gozo das coisas. Mas, se vigorar a justa medida, e a paixão se servir da razão para um

autodesenvolvimento regrado, então emergem as duas forças que sustentam uma ética promissora: a ternura e o vigor (...) a ternura é o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege e confere paz. O vigor abre caminho, supera obstáculos e transforma sonhos em realidade.

A ternura e o vigor são os sustentáculos para a formação de *ethos* sustentável e integrado em direção de um consenso mínimo para toda a humanidade. A ternura é a dimensão do *animus* e o vigor se identifica com a dimensão da *anima*. Segundo Boff (2003, p.32), a ternura e o vigor são chamados a enfrentar o espírito que ronda o século XXI baseado numa

cultura dominante que é culturalmente pluralista, politicamente democrática, economicamente capitalista e, ao mesmo tempo, é materialista, individualista, consumista e competitiva, prejudicando o capital social dos povos e precarizando as razões de estarmos juntos.

O fundamento da humanidade está baseado em duas categorias gregas que aqui se apresentam como morada humana (*ethos*) e anjo bom e protetor (*daimon*). É por meio deles que pode acontecer uma construção ética consensual.

Ethos/Morada... é (...) o conjunto das relações que o ser humano estabelece com o meio natural, separando um pedaço dele, para que seja sua morada com os que habitam na morada, para que sejam cooperativos e pacíficos, com o cantinho sagrado, onde guardamos memórias queridas, a vela que arde ou os santos de nossa devoção ou as Escrituras Sagradas, e com os vizinhos, para que haja mútua ajuda e gentileza (Boff, 2003, p.33-4).

A morada humana deve estar habitável ou significa que deva haver o *daimon*, o anjo bom que protege, que faz o bem. Segundo Boff (2003, p.34), *o bem que inspira faz das quatro paredes e do conjunto das relações a morada humana, na qual nos sentimos bem, amamos e, se tudo der certo, morreremos tranqüilamente. O daimon é, portanto, a voz da interioridade. Nos últimos tempos, com o predomínio da lógica racional, o daimon foi esquecido. Em seu lugar se construíram os chamados sistemas éticos, as normas, leis universais para uma comunidade, um grupo social, um Estado, um país ou até mesmo para o Planeta. Precisa-se despertar o daimon existente em cada ser a fim de que se possa restabelecer a relação histórica entre *ethos* e *daimon*.*

Dessa forma, que ética e que moral podem-se formular para o restabelecimento da humanidade num consenso entre os povos, nações e todo o ecossistema? Em princípio, precisa-se definir ética e moral que, no senso comum, são vistas como sinônimos, mas não o são.

A ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, institui princípios e valores que orientam as pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole (...) a moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem, eventualmente, ser questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência) mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios) (Boff, 2003, p.37).

A morada humana deve ser entendida como situação existencial, teia de relações da vida que se constitui como experiência base para todo ser humano. Para que a morada possa acolher moradores deve haver o mínimo de organização que aqui chamar-se-á de consenso como bem afirma Hans Küng (1993), que siga critérios, valores e princípios que possam realmente sustentar as relações entre o grupo e até mesmo a humanidade toda. Os gregos entendiam o *ethos* de duas formas, o que o mundo ocidental separou em ética e moral. Portanto, para os gregos, *ethos* com e longo significa casa ou *os princípios inspiradores e as pessoas, cujo caráter era moldado por eles*; já o *ethos* com e curto significa *os costumes, os hábitos e os comportamentos concretos das pessoas*, o que posteriormente será denominado *mores* que significa moral (Cf. Boff, 2003, p.39).

Verifica-se a urgência de mudança de paradigma, ou seja, fazer a páscoa (passagem) do paradigma da conquista para o paradigma do cuidado. Por isso, deve-se recuperar o paradigma perdido ou esquecido do cuidado que já em tempos remotos significou a irrupção da aventura humana da vida. Faz-se jus destacar a importância do cuidado para pessoas que ao longo de suas vidas foram cuidadosas, verdadeiros arquétipos que cuidaram com o ser humano, com o transcendente e com a natureza, como: Francisco de Assis, Ghandi, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce e outros tantos e tantas que simbolizam o *ethos* que cuida e ama profundamente.

O cuidado é aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei da entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura muito mais (Boff, 2003, p.22).

Para ser completo, o *ethos* deve assumir a dimensão da compaixão¹⁸. É preciso se compadecer daqueles que estão à margem da sociedade. Compadecer é mais do que solidarizar-se. Significa assumência da causa dos sofredores, ou seja, a causa dos lavradores não é simplesmente dos lavradores que buscam realizar a Reforma Agrária, a causa dos povos indígenas não é simplesmente a causa dos povos e nações que buscam a demarcação de suas terras e a luta pela manutenção e recriação de suas culturas. É causa da pessoa que assume em sua vida a dimensão da compaixão. A compaixão significa acolhimento no mais fundo de nossa humanidade. A compaixão pode ser entendida a partir da vivência comunitária dos primeiros cristãos que lhe davam o mesmo sentimento de ter a *miseri-córdia* o que *equivale a ter um coração (cor) capaz de sentir os míseros e sair de si para socorrê-los* (Boff, 2003, p.56).

Por fim, percebe-se nos tempos atuais a emergência de uma nova *consciência planetária*. A consciência de que vivemos num planeta comum a todos, portanto, consciência de que somos Terra (*Adam — húmus/homo*), o que possibilita nossa inter-retro-relação de todos com tudo. O ser humano faz parte de um mesmo cosmos com tudo o que existe, um sincretismo criativo e enriquecedor que permite a existência duma comunidade de destino. Segundo Boff (1998, p.43),

estes seres humanos são simultaneamente sapiens e demens. Quer dizer, são portadores de sentido, de projetos de razoabilidade e de criação (sapiens). E, ao mesmo tempo, são produtores de absurdos, de violências descabidas e de destruição (demens). A consciência planetária significa a capacidade de sinergia (colaboração de todos com tudo).

18. Boff (2003, p.55) alerta para que não se entenda compaixão como *ter pena do outro, sentimento que o rebaixa à condição de desamparado, sem energia interior para erguer-se.*

O certo é que estamos entrando num novo patamar de consciência planetária, e que sentimos a urgência de uma aliança entre os povos que se descobrem juntos dentro da única Casa Comum, para poderem conviver de uma forma minimamente pacífica e que se faz necessário um cuidado especial com a Terra e seus ecossistemas, senão perderemos as bases de nossa subsistência (Boff, 2003, p.9).

O homem do século XXI precisa se esforçar para criar uma morada humana mais unificada pela diversidade, por meio da participação, da justiça, do amor e da paz, fazendo surgir no pensamento das sociedades uma emergência na elaboração de uma nova civilização planetária. A sociedade emergente para o século XXI deve repensar a relação do ser humano com a verdade e a veracidade (verdade vivida), exigir uma razão dialógica e uma lógica inclusiva da vida diante da complexidade (realidade antagônicas) do mundo atual, recuperar a memória cultural de iniciativas vencidas como dimensão comunitária das sociedades indígenas e africanas e implantar a necessidade de ordem e a hierarquia de imagens.

Precisa-se elaborar um novo modelo de sociedade e de humanidade, novos sonhos, nova espiritualidade que religue o ser humano com o outro, com o mundo e com Deus para que *possamos costurar todas as experiências, todos os saberes, todas as tradições espirituais, todas as políticas, todas as formas de humanização e possamos constituir uma realidade planetária una e diversa, dinâmica e includente* (Boff, 1998, p.71) e que de fato implique a construção de uma democracia social¹⁹, ou seja, uma humanidade comunitária, participativa, solidária e espiritual.

Uma nova democracia social para a humanidade significa integrar a dimensão do feminino nas pessoas e na cultura. O feminino significa em cada ser humano a dimensão da gratuidade, a ternura ou fraternura, o cuidado com tudo o que existe, a convivialidade e a dialogicidade entre

19. A construção da democracia social necessita da afirmação de quatro categorias que são sustentáculos para sua efetivação, a saber: a participação social de todos na construção de um projeto de sociedade sustentável, a *igualdade* e a *equidade*, o que significa construir a justiça social tão sonhada pelos bilhões que estão à margem do sistema, a *diferença* deve ser respeitada e assumida como novo *ethos* de uma nova civilização em formação e, por fim, a *comunhão* consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus, ou seja, significa a capacidade de solidarizar-se e de compadecer-se com os excluídos da sociedade. Com a comunhão ter-se-á a formação de uma nova espiritualidade. (Cf. Boff, 1998, p.72).

homens e mulheres. Assumir esta dimensão significa romper com o machismo que se tornou um fator desestruturante nas relações pessoais.

A natureza deve ser assumida pela nova democracia social a fim de tornar esta relação homem e natureza numa nova aliança sustentável de fraternidade, de respeito e de diálogo. Natureza e humanidade se interagem num processo dialético de construção de seu *bios*. Assim, a democracia deixa de ser humana e social somente e passa a ser também uma democracia cósmica. A democracia cósmica abrirá caminhos para que a humanidade reencontre sua dimensão perdida do sentido originário do Sagrado, o que determinará o surgimento de uma nova espiritualidade que religue o homem com o todo do Universo, chamado de Deus pelas religiões. Percebe-se, assim, a necessidade das revoluções que transformem não somente as estruturas sociais, como já aconteceu por diversas vezes, mas transformações de ordem subjetiva (pessoal e coletiva). Pode-se chamar tais transformações necessárias de *revoluções moleculares*, que significa o surgimento de

(...) grupos, comunidades, articulações com uma nova consciência de solidariedade com os oprimidos e marginalizados do sistema aqui e em outras partes do mundo. São grupos preocupados com a problemática do meio ambiente, dos povos originários; iniciativas de ajuda a quem se ajuda, que compram e consomem preferentemente produtos dos países pobres; comunidades com novas experiências espirituais e religiosas. Surgem trocas de experiências de grupos dos países ricos com grupos dos países pobres: visitam-se mutuamente; elaboram uma consciência comum de novas formas de mundialização que não passam pelo mercado, pela economia e pela tecnociência, mas pela solidariedade, pelo intercâmbio aberto e pelo mútuo aprendizado (Boff, 1998, p.74-5).

A humanidade clama por um *ethos* solidário que venha *despertar um sentimento profundo de irmandade e de familiaridade que torne intolerável essa desumanização e impeça os vorazes dinossauros do consumismo de continuarem em seu vandalismo individualista* (Boff, 2003, p.53)²⁰. A soli-

20. A exigência do *ethos* solidário pode ser afirmada a partir da pedagogia que Jesus de Nazaré assume com a parábola do Bom Samaritano, em que o essencial é amar o próximo concretamente. Só é solidário quem ama e cuida do outro. Para os cristãos, quem ama e cuida se responsabiliza e se compromete solidariamente com o sofrimento

dariedade e a cooperação são estatutos éticos que deveriam ser implementados como dados culturais no processo de hominização. O *ethos* solidário deve ser pensado como imperativo de uma nova dimensão geopolítica para a realidade humana entre os povos e nações, devendo se iniciar a partir dos excluídos desse sistema anti-solidário no qual se vive em nossos dias.

3. Ser cristão: a assunção de um novo ethos na dinâmica do Evangelho

A religião tem o papel de religar o ser humano com tudo o que existe. Não se pode reduzir a religião a uma experiência com Deus no sentido abstrato. A partir daí a religião poderá dar uma contribuição na construção de uma nova civilização que Boff (1998) chama de planetária.

A religião procura re-ligar todas as coisas, o consciente com o inconsciente, a mente com o corpo, a pessoa e o mundo, o masculino e o feminino, o humano com o Divino. A tarefa da re-ligação não se resolve e se esgota no espaço sagrado. Seu lugar é na vida que deve fazer esta re-ligação e esta síntese. Quando ela é bem sucedida emerge a experiência de Deus, como aquele Fio que por tudo passa e unifica para o alto e para a frente. Então são criados os símbolos e os rituais que constituem o espaço do sagrado no qual se celebra o Deus da vida, da comunidade, da humanidade e do cosmos (Boff, 1998, p.56-7).

O século XXI é um grande desafio para a sociedade, bem como, para as religiões principalmente para o cristianismo. As sociedades humanas se depararam neste início de milênio com o fenômeno da mundialização por meio do mercado²¹, da política, das estratégias militares, da tecnociência, da comunicação e da espiritualidade. O planeta se tornou uma aldeia

do outro, pois não é simplesmente o outro sofrendo as mazelas da humanidade, mas é o próprio Deus que está crucificado no sofrimento daqueles que sofrem. Por isso, amar e ser solidário não pode levar em conta as barreiras da raça, religião, nação ou classe social. O meu outro é o que encontro no caminho. Resta-nos saber como estamos fazendo para tornar-se próximo, solidários, amorosos, responsáveis, cuidadosos dos que sofrem. Neste sentido, conferir Lc. 10, 25-37.

21. Segundo Boff (1998, p.22), *o mercado é uma entidade social e democrática indispensável, como o lugar onde se encontra a oferta com a procura e onde se atende às necessidades de consumo dos atores sociais. Portanto, precisamos de uma economia com o mercado e não uma economia só de mercado.*

global, um imenso organismo cheio de vida, a Terra ou Gaia²². A terra é nossa pátria e nossa mãe. Vive-se em tempos de interdependência de todos com todos, tempos de *intro-retro-relações*. Tempos que se percebe grandes mutações²³ culturais e civilizacionais. Para Boff (1998), o processo de mundialização (materialista, mecânico, linear, determinístico, dualista, reducionista, atomizado e compartimentalizado ou fragmentado) ou globalização ou ainda planetização evidencia-se a partir de três vertentes: na mutação tecnológica, na globalização da economia e do mercado e pela emergência de uma nova consciência planetária baseada na compaixão.

O próprio Jesus teve compaixão de seu povo e, por isso, é reconhecido pelo cristianismo como o arquétipo da compaixão e o grande exemplo para se realizar o seguimento. Em vários momentos Jesus assume a dimensão do *ethos* que se compadece, a saber: Jesus ressuscita o jovem de Naim porque se compadeceu de sua mãe, a viúva de Naim (Lc. 7,11-17); o Samaritano teve compaixão do desconhecido que estava ferido à beira do caminho (Lc. 10,35-37); a parábola do Filho pródigo explícita o significado da compaixão que o Pai tem para com seus filhos (Lc. 15,11-32); a cura dos dez leprosos que clamaram compaixão a Jesus que se compadece (Lc. 17,11-19); a compaixão de Jesus é uma pedagogia da partilha, da justiça social e da redistribuição na justa medida (Mc. 8,1-9 e Mt. 14,13-21); a cura do cego Bartimeu que clama por compaixão a Jesus que se compadece e consegue um novo amigo que o segue pelo caminho (Mc. 10,46-52); Jesus se compadece da multidão que o seguia e associa-os a ovelhas sem pastor (Mt. 9,35-38); o perdão é uma dimensão da compaixão pelo outro (Mt. 18,21-35) e a cura dos cegos em Jericó é um sinal da compaixão de Jesus (Mt. 20,29-34). A compaixão é a raiz da ação pastoral de Jesus e deve ser a de todos aqueles e aquelas que seguem seu projeto salvífico. Podemos perceber que sua ação brota da realidade vivida pelo povo e esta o leva a compadecer-se, ou seja, sentir-se próximo daqueles e daquelas cuja situação é a de abatimento e cansaço. Mas Jesus apresenta o projeto por meio de sua vivência, de sua Boa-Nova, e necessidade de que outros e outras assumam a mesma postura ética e moral. Jesus se compadeceu e resta a todos nós nos compadecer-

22. *Gaia* (o nome mitológico dos gregos para a Terra), a Terra seria um superorganismo vivo cujo equilíbrio dinâmico mantém todos os elementos físicos, químicos e energéticos dosados de tal forma que garantem a vida e sua evolução (BOFF, 1998, p.42).

23. Conferir Capra (1991).

mos também conforme a realidade nos provoque. Assim, muitas formas de ação podem ser visualizadas em nosso meio social, provocadas pelos discípulos e discípulas de Jesus em nossos dias.

Ter compaixão pelo outro significa assumir a dimensão do perdão sem limites, ou seja, sempre. Setenta vezes sete é o significado do ilimitado. A compaixão não tem limites e nunca deve ter. O projeto comunitário de Jesus apresenta a dimensão do perdão ilimitada. Tal dimensão deve estar, entretanto, alicerçada no amor e na misericórdia.

O outro é o nosso maior Mistério que nos desafia a realizar em plenitude o *ethos* enquanto *ethos* que ama. O outro nos dá a possibilidade da aliança, do diálogo e do mútuo aprendizado. Para o cristianismo ou o paleocristianismo (cristianismo das origens), o amor é tema central, porque o outro é essencial. Segundo Boff (2003, p.46), *Deus mesmo se fez outro pela encarnação. Sem passar pelo outro, sem o outro mais outro que é o faminto, o pobre, o peregrino e o nu não se pode encontrar Deus sem alcançar a plenitude da vida* (Cf. Mt. 25, 31-46). É um *ethos* humanizador que ama o outro sem limites. É a chamada ética amorosa e cordial da qual Francisco de Assis no século XII se torna o arquétipo. O amor essencial de Francisco de Assis o fez o irmão de tudo em todos. Por isso, o amor é fonte de vida quando movido pela gratuidade que não elimina o outro, ao contrário, aproxima-se do outro e lhe dá razão de existência. Se o amor é essencial, só ama quem cuida e quem cuida ama. O cuidado clama para que se possa preservar o presente e o futuro e regenerar o passado. O cuidado significa assunção da sustentabilidade que visa encontrar o equilíbrio entre o uso dos recursos naturais e a sua preservação.

Nossas sociedades são chamadas a buscar os exemplos luminosos, ou seja, homens e mulheres que testemunharam a realização de uma ética coerente e que integra todos os seres vivos. Francisco de Assis, patrono da ecologia, é a figura ocidental eticamente coerente. Procurou viver o Evangelho em sua totalidade ou em sua eticidade ao se inserir no meio dos pobres, dando, assim, significado à sua amorosa opção. Francisco resgata o paleocristianismo como sentido supremo da existência histórica dos seguidores do jovem de Nazaré. Em Francisco de Assis se completa o sentido último do significado de *ethos*. Ele inaugura a experiência do *ethos* seminal como uma nova forma de organização que recria os valores supremos para a realização da morada humana. A novidade que Francisco traz não se difere da proposta de Jesus, aliás, a complementa. Francisco realiza a inclusão social e assume uma postura de compaixão com os mais pobres:

leprosos e camponeses, bem como, acolhe todo o ecossistema como irmão e irmã. Francisco está sempre à procura até mesmo quando se encontra como irmão penitente, o que lhe atribuí o título de louco. Segundo Boff (2003, p.59), Francisco *é louco face aos sistemas que abandona, o burguês emergente, o feudal decadente, o religioso-monacal vigente. Mas não é louco face ao novo ethos que inaugura*, ou seja, um homem que funda um novo paradigma para a humanidade e, principalmente, para o cristianismo. Por isso, amou e cuidou profundamente de todas as coisas que existem, desde a menina Clara até mesmo as formigas, o sol, a lua, o cosmos, os irmãos e as irmãs que o seguiam, os pobres, os pássaros etc..

Francisco é o arquétipo do ethos que se compadece. Foi morar no meio dos hansenianos, beijava-os e dava-lhes comida na boca, dividia tudo com os pobres, até a roupa do corpo, e compadecia-se de suas próprias dores, chamando-as de irmãs e a morte, de irmã morte (Boff, 2003, p.60-1).

Francisco é o homem da solidariedade. Faz-se pobre entre os pobres. Tudo partilha. É um dos poucos a romper as barreiras da diferença entre cristãos e muçulmanos que combatiam em nome da fé. Francisco, o arquétipo da paz. Possui o princípio do *ethos* que se responsabiliza ao inaugurar o movimento pela paz entre aqueles que estavam em guerra. Apazigua os ânimos entre o bispo e o prefeito de Assis. Renuncia aos privilégios o que lhe deu a oportunidade de fundar uma fraternidade a partir dos últimos e os pobres são exemplos de vida e seguimento. O Cântico do Irmão Sol é o sentido máximo de que Francisco integrou todas as dimensões do *ethos* enquanto morada humana. Em Francisco, a ética se transforma em Mística, o que determina o brilho em tudo o que existe.

Dessa maneira, no que o cristianismo pode contribuir para o surgimento de uma nova civilização que significa a busca pelo Reino de Deus²⁴? A história evidencia que o cristianismo foi uma religião de conquista e de dominação (busca pelo poder) o que determinou um distanciamento de seus princípios originários. Este cristianismo se evidencia em suas características principais como uma religião ocidental: hierarquização das relações, dogmatização da fé, universalização catequética sem levar em contas

24. Segundo Boff (1998, p.53) *é o Reino de Deus, conteúdo principal da pregação de Jesus histórico. O Reino de Deus não é um território, mas um modo de ser ou uma situação na qual reina a justiça, vigora a misericórdia, impera o amor, triunfa a vida e floresce a interiorização de Deus nas pessoas e na criação.*

as culturas, romanização das doutrinas, imposição dos ritos e severidade moral. No entanto, na história do cristianismo sempre existiu a contra-hegemonia a começar pelos monges (anacoretas) que se retiravam para o deserto, as ordens e congregações religiosas (benedictinos, franciscanos, carmelitas, servitas, dominicanos e outros tantos) na Idade Média, os Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus e a opção preferencial pelos pobres nos últimos tempos. Por isso, a busca pelo Reino de Deus presente na história humana se faz por meio da libertação e da esperança.

É ao redor do poder sagrado que se estrutura a hierarquia eclesiástica que detém, como é sabido e lamentado, o monopólio do saber, do falar e do decidir na comunidade. Esse poder sempre esteve em articulação com outros poderes dominantes. Por causa desta aliança, não se pode fazer a história da Igreja sem simultaneamente fazer-se a história dos reis e príncipes cristãos e vice-versa (Boff, 1998, p.50).

A crise pela qual passa o cristianismo possibilita com que se repense a fé (experiência do Mistério) originária. As religiões como interpretações do Mistério são as causadoras de exclusões por não aceitar o diferente.

Nesse grande equívoco caiu o cristianismo oficial, identificando a fé com a religião cristã, Igreja de Cristo com Igreja Romana-Católica, poder-serviço sagrado com o poder hierárquico, cristianismo com mundo ocidental. Para superar esta patologia importa resgatar a experiência originária do cristianismo. Ela pode ser útil ao processo de mundialização e ajudar na construção de uma civilização planetária (Boff, 1998, p.52-3).

O cristianismo historicamente contribui para a formação de uma sociedade baseada na lógica da dominação e do poder. Nos países do Sul, o cristianismo continua eurocêntrico, clerical, ocidental e excludente (mulheres, leigos e padres casados). Na verdade, existem dois cristianismos: o oficial e o comunitário. O oficial tenta manter o controle das Igrejas particulares por meio de decretos, ordens que devem ser cumpridas, conservadorismo, dogmatização da fé, neo-romanização das doutrinas, catequização universal sem levar em conta os aspectos culturais etc.. O comunitário continua a persistir em pequenas comunidades e grupos que tentam recuperar o sonho de Jesus de Nazaré como é o caso de algumas comunidades eclesiais de base (CEBs), do Mosteiro da Anunciação do Senhor em Goiás — GO, do Mosteiro de Taizé em

Alagoinhas — BA, da Fraternidade do Povo da Rua em São Paulo — SP, da luta em defesa dos povos indígenas e dos posseiros na Prelazia de São Félix do Araguaia — MT, enfim, gestos de defesa da vida realizado pela CPT (Comissão Pastoral da Terra) e pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Esta é a dimensão comunitária do cristianismo que vem sendo nos últimos tempos cooptada pelo cristianismo oficial.

Destaco três eventos importantes em nossos dias que mostram a opção feita pelos cristãos católicos e protestantes em estar assumindo as causas do Reino de Deus e do projeto do Evangelho anunciado por Jesus. O primeiro refere-se à Campanha da Fraternidade realizada de forma conjunta pelas Igrejas Membros do CONIC²⁵ (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs). Com o tema *Solidariedade e Paz – Felizes os que promovem a Paz*, as Igrejas pela segunda vez realizaram a CF em comunhão e participação o que nos provoca e desperta a alegria de ver o projeto de Jesus sendo vivido e experienciado na comunhão com respeitabilidade das diferenças. Tal importância se evidencia nas palavras de Dom Demétrio Valentini, bispo católico da Diocese de Jales.

É pela segunda vez que isto acontece. A primeira foi no ano dois mil, por ocasião do jubileu que celebrava o início de um novo milênio cristão. Colocada neste contexto, a campanha ecumênica tinha uma clara perspectiva de futuro. Simbolizava o inarredável compromisso dos cristãos, de superar as desavenças que redundaram na cristalização das separações ocorridas, sobretudo ao longo do segundo milênio. Se o segundo foi o milênio das divisões, o terceiro precisa ser o milênio do reencontro da unidade perdida. (...) A unidade entre os cristãos, e entre os crentes de outras religiões, tem o seu postulado primeiro, não em questões religiosas, mas na unidade do próprio gênero humano. A serviço desta unidade é que precisa ser colocada a unidade dos cristãos. Então a causa do ecumenismo se reveste de legítima dimensão humana. (Valentini, 2005).

O segundo evento se refere ao II Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra que se realizou na cidade de Goiás de 14 a 18 de junho de 2005, foco de tantas conquistas da luta pela terra. Também podemos

25. São Igrejas Membros do CONIC: Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil (ICOSB), Igreja Cristã Reformada (ICR), Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Metodista (IM) e Igreja Presbiteriana Unida (IPU).

destacar este evento como um princípio ético das Igrejas Cristãs, já que se trata de um evento verdadeiramente ecumênico. Na Carta final do Congresso foi proclamada a fidelidade ao Deus dos Pobres, aos pobres de Deus e de continuidade da Diaconia aos povos da terra. Além disso, realizou a memória sempre viva da ressurreição da agente de pastoral Irmã Dorothy Stang, missionária mártir no Pará neste ano de 2005. Mesmo com o sangue derramado pelos discípulos e discípulas de Jesus, não se pode deixar de dar continuidade aos clamores dos pobres e excluídos da sociedade. Neste sentido, foram destacados os seguintes compromissos:

Arrancar as mordanças de nossos olhos e de nossos corações para não se envergonhar de um sonho e de uma utopia que o sistema capitalista e imperialista dominante quer destruir dentro de nós e que as gerações futuras tem direito de receber, já iniciado por nós;

Empenhar-se, no trabalho maciço de base, marca registrada da CPT e, ao mesmo tempo, sempre cuidar do projeto maior que, a partir dos valores do campesinato, queremos construir e oferecer ao nosso país e ao nosso mundo globalizado;

Assumir decididamente o apoio à luta, ao protagonismo e à organização dos trabalhadores e trabalhadoras assalariados, peões, diaristas, bóias frias vítimas de superexploração, aliciamento e trabalho escravo.

Apoiar as comunidades e os movimentos populares em suas lutas contra a concentração fundiária, contra a devastação ambiental, especialmente contra a privatização, mercantilização e poluição da água, direito humano e patrimônio da humanidade.

Acreditar que o ecumenismo da vida e da dignidade das pessoas e do ambiente deve nos fazer cada vez mais conscientes e corajosos, como os mártires que cultuamos, de que o Evangelho passa necessariamente pelas grandes causas que a realidade mostra para a CPT assumir e implementar (CPT, 2005).

O terceiro evento se refere ao XI Intereclesial de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) realizado em Ipatinga — MG, de 19 a 23 de Julho de 2005. Também se destaca o aspecto ecumênico do Encontro, bem como, a presença de diversas comunidades que refletiram a esperança e a realidade a partir de um compromisso com o Deus da Vida. O tema central do encontro foi a *Espiritualidade Libertadora* com o lema *Seguir Jesus no compromisso com os excluídos*. As CEBs foram e continuam sendo a força propulsora da Igreja Latino-americana comprometida com os

excluídos e com a defesa da dignidade humana. Foi relembrando o compromisso utópico do Intereclesial de Ilhéus, a saber:

Sonhamos com uma igreja participativa, toda ministerial, unida no respeito à diversidade, missionária, uma igreja mãe, acolhedora, defensora dos pobres e excluídos, aberta aos novos desafios. Uma igreja onde o poder seja mais partilhado, abrindo espaço para a participação das mulheres em todas as suas instâncias de serviços e decisões (...) Conscientes do nosso compromisso com a transformação do Brasil, reafirmamos o nosso apoio ao projeto que sonhamos para nosso país, projeto que ajudamos a construir e destinado a incluir tantos irmãos e irmãs, sem vez e sem voz. O atual modelo econômico é intolerável. Ele subordina nosso país ao capital financeiro e desestrutura nossa sociedade. É urgente o esclarecimento dos fatos de corrupção política ocorridos no atual governo e nos anteriores, punindo-se exemplarmente os responsáveis. Exigimos o restabelecendo da transparência e da ética na esfera política e social. Comprometemo-nos a seguir somando forças com os movimentos populares, sindicais e outras instituições da sociedade civil e a nos mobilizar para mudarmos esta situação, engrossando o mutirão Por um Novo Brasil, a que nos chama a IV Semana Social Brasileira (...) Assumimos compromissos concretos, à luz da Espiritualidade Libertadora e do Seguimento de Jesus, que nos chamam para lutar por um mundo onde todos estejam incluídos. O compromisso com os excluídos nos identifica com Jesus e nos irmana nas diferenças (CEBs, 2005).

Foram três eventos importantes que ocorreram neste ano de 2005. Eventos que dinamizam uma retomada da perspectiva ética dos atores sociais em foco que estão comprometidos com uma realidade religiosa e cristã.

Neste sentido, o cristianismo é chamado a realizar três princípios primordiais em sua tarefa evangelizadora: a lógica da inclusão ilimitada, uma nova aliança e a força dos pobres.

Incentivar a lógica da inclusão sem limites significa reconhecer que existe antes de tudo uma lógica da exclusão que fabrica/produz milhões de crucificados, que são sinônimos da miséria e da morte, e se identificam com o Jesus histórico, que assumiu a cruz como símbolo de sua aliança com um projeto diferente de sociedade.

Hoje se as Igrejas não tomam a sério os povos crucificados não sei o que falam, quando falam, quando falam da cruz, do Cristo crucificado e da Ressurreição do Crucificado. Se não ouvirem o grito dos oprimidos do mundo, como poderão ouvir a voz de Deus que as Escrituras dizem ser o Deus do grito, o Deus da vida que escuta o clamor dos escravos do Egito, as lamúrias dos exilados da Babilônia e o gemido de cada coração que sofre? (Boff, 1998, p.77).

A solidariedade divina é evidente. Deus se solidariza com os pobres e nós, seres humanos, não aprendemos isso. Deus se encontra no rosto dos pobres crucificados diariamente e que esperam ser resgatados para a vida e ressurreição²⁶. Deus inclui a todos diferentemente da lógica capitalista que exclui. O cristianismo oficial tem adotado os princípios da última lógica. Resta-nos saber quando o cristianismo adotará os clamores dos condenados da terra. Assim, novamente se pode reafirmar a necessidade de fazer opção pelos pobres, pelos condenados da terra, pelos excluídos do sistema, enfim, opção pelo Terceiro Mundo. Optar pelos pobres significa se tornar Igreja dos pobres e uma característica fundamental dessa Igreja é a dimensão profética, ou seja, ser voz que denuncia a situação na qual vive o pobre e anuncia a boa nova do Reino de Deus que se faz aqui, hoje, em nossa história. Já diziam os bispos católicos reunidos na II Conferência Episcopal da América Latina e Caribe na cidade de Medellín — Colômbia em 1968:

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres (...) Esta solidariedade implica em tornar nossos seus problemas e suas lutas e sem saber falar por eles. Isto há de se concretizar na denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação suportada frequentemente pelo pobre, na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por essa situação, para fazê-los compreender suas obrigações [Medellín, 14.10]. Defender segundo o mandato evangélico o direito dos pobres e oprimidos... Denunciar energicamente os abusos e as injustiças, conseqüências das desigualdades excessivas entre

26. Segundo Boff (1998, p.79), *tirar da cruz é importante. Mais importante ainda é criar as condições de ressurreição. Ressuscitar um povo é associar-se a ele para que possa conviver em paz com outros povos, poder desenvolver-se consoante seus ideais humanitários, expressar sua alma nos códigos de sua cultura e sentir-se também pela fé e pela oração amigo e Povo de Deus.*

ricos e pobres, entre poderosos e fracos... [Medellín, 2.22-23] (CELAM, 2004, pp.101; 202-203).

Reunidos em Puebla, no México, em 1979, os bispos da América Latina e Caribe reafirmam suas opções pastorais e humanitárias a fim de continuar seguindo com fidelidade o mandato evangélico:

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação [Puebla, 1134]. Amor preferencial e solicitude para com os pobres e necessitados [Puebla, 382]. A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre [Puebla, 733]. A preocupação preferencial em defender e promover os direitos dos pobres, marginalizados e oprimidos [Puebla, 1217] (CELAM, 2004, pp. 547; 385; 470; 565).

E, por fim, reunidos em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, os bispos e toda a Igreja Latino-Americana proclamam os seus compromissos com os pobres e com a transformação da sociedade:

Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla (cf. 31-39), todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos [Santo Domingo, 179]. Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção não é exclusiva nem excludente, iluminará, à imitação de Jesus Cristo, toda nossa ação evangelizadora. A essa luz convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme

a dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade [Santo Domingo, 296] (CELAM, 2004, pp.717; 764).

O lugar privilegiado de Deus é no meio dos pobres. Se se quiser ver a Deus é bom acostumar-se com o cheiro dos grandes lixões das cidades, com o morador de rua, com os flagelados pela fome e a miséria etc.. Os cristãos são chamados a fazer uma aliança com Deus a partir dos pobres. Na verdade, independentemente, de credo ou religião todos são chamados a ser águias (Cf. Boff, 1998b e 1998c), que se liberta das estruturas impostas pelos sistemas que possuem o único deus do momento: o deus Mercado.

Somente espíritos curtos crêem ser o mercado a solução para os principais problemas da humanidade e o neoliberalismo a forma política final da humanidade. Ingênua é também a convicção de que com a uniformização das doutrinas e das linguagens se consegue revitalizar o cristianismo; na verdade, assim ele aparece ainda mais como ocidental e por isso acidental para uma visão global do processo humano. Tais estratégias apenas confirmam a cultura do desencanto, da resignação e da desesperança (Boff, 1998, p.84).

Diante desses novos eventos, como pensar os dois terços da humanidade, da maioria subalternizada, excluída de participar desses fenômenos? Como pensar eticamente uma morada comum onde todos se beneficiem dos avanços da ciência, da tecnologia, da comunicação e até mesmo da espiritualidade? Para nós, cristãos aqui na América Latina, como refletir a opção preferencial pelos pobres diante de um mundo extremamente secularizado e individualista onde até mesmo as religiões aderem ao *status quo* fornecido pelo mercado?

Considerações Finais

Para o budismo, um caminho ético e espiritual a ser construído passa pela compaixão. Os budistas entendem que a compaixão possui duas atitudes: o desapego (liberdade e maturidade) e o cuidado (benevolência e responsabilidade). Assim, o budismo se fundamenta naquela *pessoa que leva tão longe o ideal da com-paixão que se dispõe a renunciar ao nirvana e mesmo aceita passar por um número infinito de vidas só para poder ajudar os outros em seu sofrimento* (Boff, 2003, p.57).

Urge o tempo de refazer, reavivar e reencantar o caminho e os sonhos perdidos rumo à Casa Comum que levem a humanidade a uma nova comunhão, que possibilite a paz entre os povos e salvação da morada de toda a vida que clama por ar para continuar a respirar. Esse reencantamento emergirá com uma nova experiência espiritual que *surgem a partir da ativação consciente e propositada do princípio do feminino, da dimensão da anima (que se completa pelo animus) presente nos homens e nas mulheres* (Boff, 2003, p.18).

Pensar a sociedade para o século XXI significa pensar a construção de uma eco-democracia integradora e planetária que possibilite a união de todos os povos da terra numa morada humana dignificante. A humanidade é convocada a se motivar para um novo comportamento ético e moral responsável e que responda aos desafios existentes em nossas realidades globais. Tais comportamentos éticos e morais estão fundamentados em atitudes como morar, cuidar, compadecer-se, solidarizar-se etc..

Duas fontes são orientadoras da ética e da moral nas sociedades humanas, a saber: a religião e a razão. Separadas ou fragmentalizadas no discurso irão reafirmar a lógica excludente e formar uma profunda desarmonia entre os seres humanos. Unidas em seus pontos comuns poderão elaborar um consenso ético a fim de manter a humanidade unida, o que permite a preservação do capital ecológico indispensável para se viver. Religião e Razão possuem historicamente o *ethos* que ama e cuida.

Os sonhos persistem. Prova disso são os encontros de Porto Alegre, Seattle e Gênova. São os movimentos anti-globalização e ecológicos, os Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre (2001, 2002, 2003 e 2005) e o de Mumbai na Índia (2004), os Fóruns temáticos de Educação, Saúde e Meio Ambiente. O I Fórum Mundial de Teologia e Libertação realizado neste ano em Porto Alegre compromete os teólogos do mundo inteiro a estarem recriando a esperança a partir de um *ethos* plural e consensual.

As Conferências temáticas buscam reinventar uma nova maneira de se fazer política em que o determinante é a participação social. Estes encontros, reuniões e discussões dos pobres do Sul e companheiros solidários do Norte se constituem como momentos em que os sonhos se afluam. Sonhos que se manifestam a partir da efetivação da inclusão social, da integração de povos e culturas, de uma nova aliança entre os povos da terra na busca pelo cuidado do planeta, de uma economia política redistributiva que promova a justiça social, enfim,

(...) o sonho de hospitalidade, tolerância, convivência e comensalidade com todos os membros da família humana, sonho da coexistência pacífica e alegre das diferenças, sonho da capacidade de perdão que permite recomeçar uma história sem amarguras e ressentimentos, o sonho de um diálogo de todos com o seu Profundo donde nos vêm inspirações de benquerença, de cooperação e de amorosidade, o sonho de uma re-ligação de todos com a Fonte originária, donde promanam os seres, dando-nos o sentimento de acolhida num derradeiro Útero no qual todas as nossas lágrimas serão enxugadas para então cairmos nos braços de Deus-Pai-e-Mãe de infinita bondade e descansarmos de tanto peregrinar e pensar e, finalmente, irradiar vida e mais vida para sempre (Boff, 2003, p.24-5).

As alternativas para se adaptar a essas novas realidades devem se pautar na geração de empregos e renda com maior proximidade entre os grupos sociais (cooperativas), geração de empregos-solidariedade e a geração de trabalho em tempo parcial. Já se pensou em várias alternativas de ordem prática no que se refere ao trabalho formal como: diminuição da carga horária de trabalho, salário tecnológico para os que estão desempregados, porque foram substituídos por novas tecnologias, e o salário mínimo ou cidadão para todos. Para isto, torna-se necessário inserir a economia nesta dimensão de uma sociedade sustentável e solidária, de justiça distributiva de renda e co-responsável com todos, o que implica relativizar a economia de mercado.

Agora importa colocar a economia a serviço do desenvolvimento social, a economia política a serviço do bem-estar da sociedade e da natureza. Uma economia da produção do necessário para todos e não uma economia da produção material ilimitada. A função da economia, em seu sentido originário, consiste em gerenciar a carência, em assegurar a satisfação de necessidades quantitativas vitais, em propiciar o acesso aos bens quantitativos e em realizar os desejos de cada um em solidariedade com os desejos dos outros (Boff, 1998, p.21).

Exige-se da sociedade uma nova política de desenvolvimento sustentável que garanta a reprodução das forças produtivas (combate à fome e à miséria), produção de valores socioculturais (identidade cultural) e que cuide do meio ambiente em sua dialética homem-natureza (privilegiar o ecossistema). Neste sentido, torna-se urgente o fortalecimento

do Estado (para Gramsci significa a sociedade política) com maior participação da sociedade civil.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, R. (2001). Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P. & FRIGOTTO, G. *A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- AQUINO, T. de (1996). O Ente e a Essência. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- ASSMANN, H. (1998). *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- BOFF, L. (2003). *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1998). *Nova Era: a civilização planetária*. São Paulo: Ática.
- ____ (1998b). *A águia e a galinha. Uma metáfora da condição humana*. 22. ed. Petrópolis, Vozes.
- ____ (1998c). *O despertar da águia. O diabólico e o simbólico na construção da realidade*. Petrópolis, Vozes.
- CAPRA, F. (1991). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- CASTELLS, M. (1999). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura: Volume I: A Sociedade em Rede*. São Paulo: Cortez.
- CEBs (2005). *Carta Final do XI Intereclesial de CEBs em Ipatinga — MG*. Ipatinga: CEBs. (mimeo.).
- CELAM (2004). *Documentos do CELAM: Rio — Medellín — Puebla — Santo Domingo*. São Paulo: Paulus.
- CNBB (2004). *Campanha da Fraternidade 2004 — Fraternidade e a Água*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco.
- COUTROT, T. (2001). Trabajo, empleo, actividad. In: GENTILI, P. & FRIGOTTO, G. *A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- CPT (2005). *Carta Final do II Congresso Nacional da CPT*. Goiás: CPT. (mimeo).
- CREMA, R (1988). *Introdução à visão holística*. São Paulo: Summus.
- FRIGOTTO, G. (1998). *Educação e crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez.
- HOBBSAWM, E. (1995). *Era dos Extremos — O breve século XX*. São Paulo: UNESP.
- KÜNG, H. (1993). *Projeto de Ética Mundial: Uma Moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas.
- MOURÃO, R. de F. (1992). *Ecologia cósmica*. São Paulo: Francisco Alves.

- PAIVA, V. (2001). Qualificação, crise do trabalho assalariado e exclusão social. In: GENTILI, P. & FRIGOTTO, G. *A Cidadania Negada: Políticas de Exclusão na educação e no trabalho*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- SOUZA, W. (1993). *O novo paradigma*. São Paulo: Cultrix.
- UNGER, N. M (1991). *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola.
- VALENTINI, D. D. (2005). *Campanha da fraternidade — 2005 ecumênica solidariedade e paz — felizes os que promovem a paz*. Brasília: CONIC. Atualizada em: 01 ago. 2005. Acesso em: 26 ago. 2005. Disponível em <<http://www.conic.org.br>>.